

Estudantes em risco, estudantes de risco: vida diária escolar e experiências democráticas fragilizadas

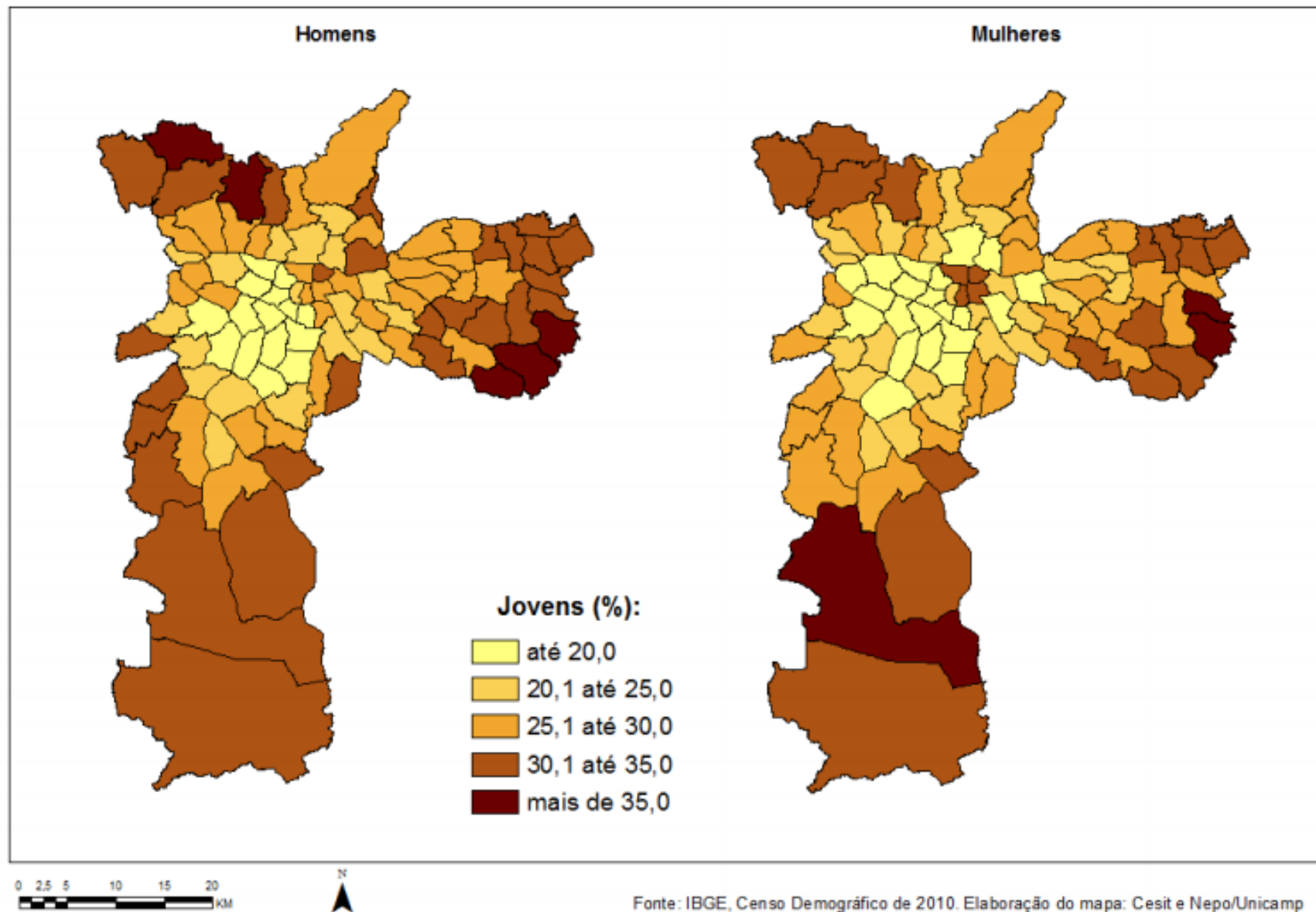
**Biancha Angelucci
Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo**

b.angelucci@usp.br

O sentido de risco e a contaminação da pessoa

- SPINK, M.J.P., MEDRADO, B; MELLO, R.P. Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(1), pp. 151-164.
- SPINK, M.J.P., MEDRADO, B.; MELLO, R.P. Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(1), pp. 151-164.
- SPINK, M.J.P. Riscos antecipados: regimes de verdade e regimes de esperança na administração de agravos à saúde. Texto apresentado na Mesa Redonda “Saúde Coletiva, Risco e Biopolítica”, V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, ABRASCO. USP, São Paulo, 17 a 20 de abril de 2011.
- SPINK M.J.P. Suor, arranhões e diamantes: as contradições dos riscos na modernidade reflexiva. <http://www4.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/suor1.htm>
- LUIZ, O.C.; COHN, A. Sociedade de risco e risco epidemiológico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , v. 22, n. 11, p. 2339-2348, Nov. 2006.

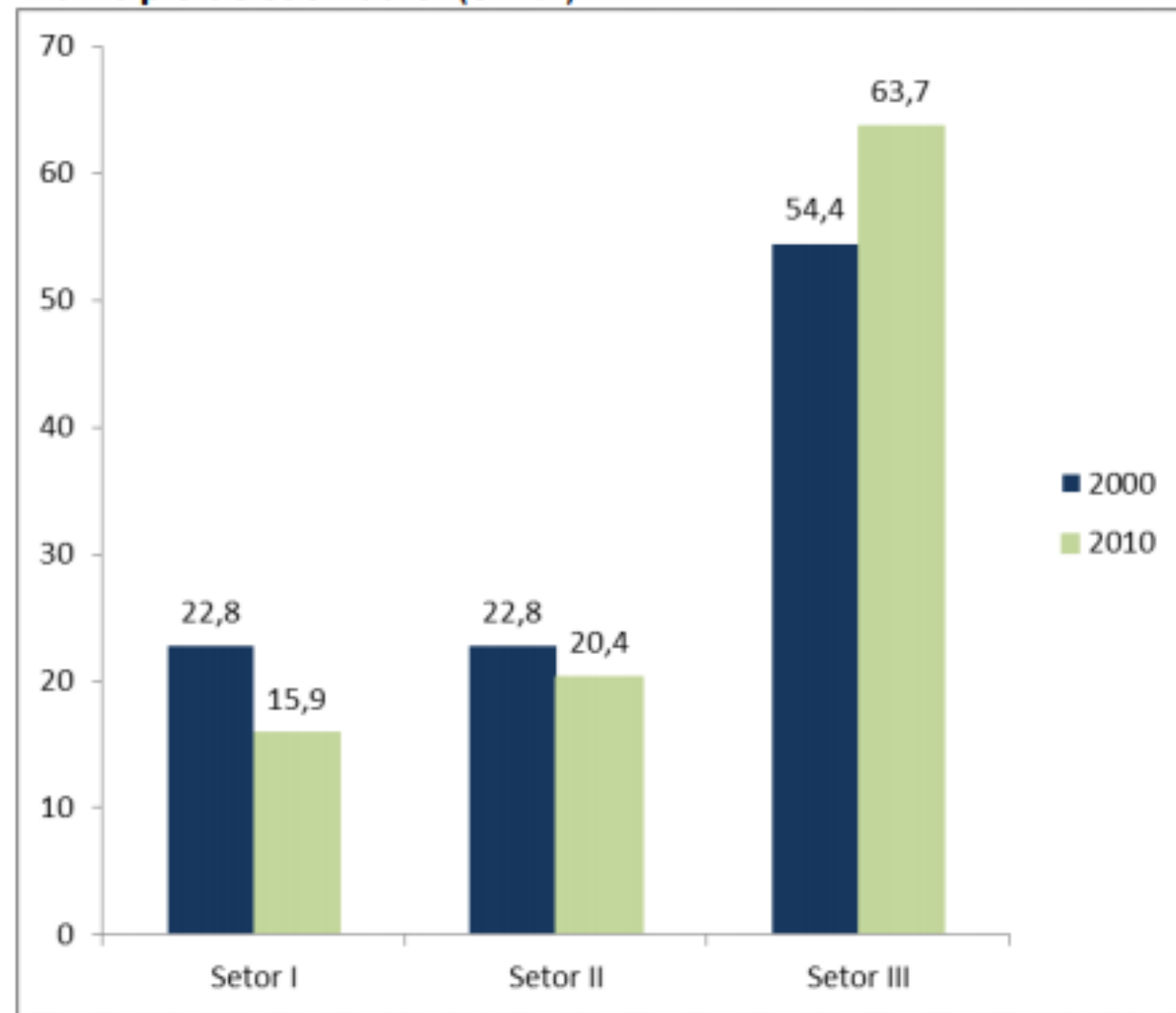
Mapa 3.1: População de 15 a 29 anos sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, por sexo.
Distritos do Município de São Paulo, 2010



MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

Gráfico 4.5

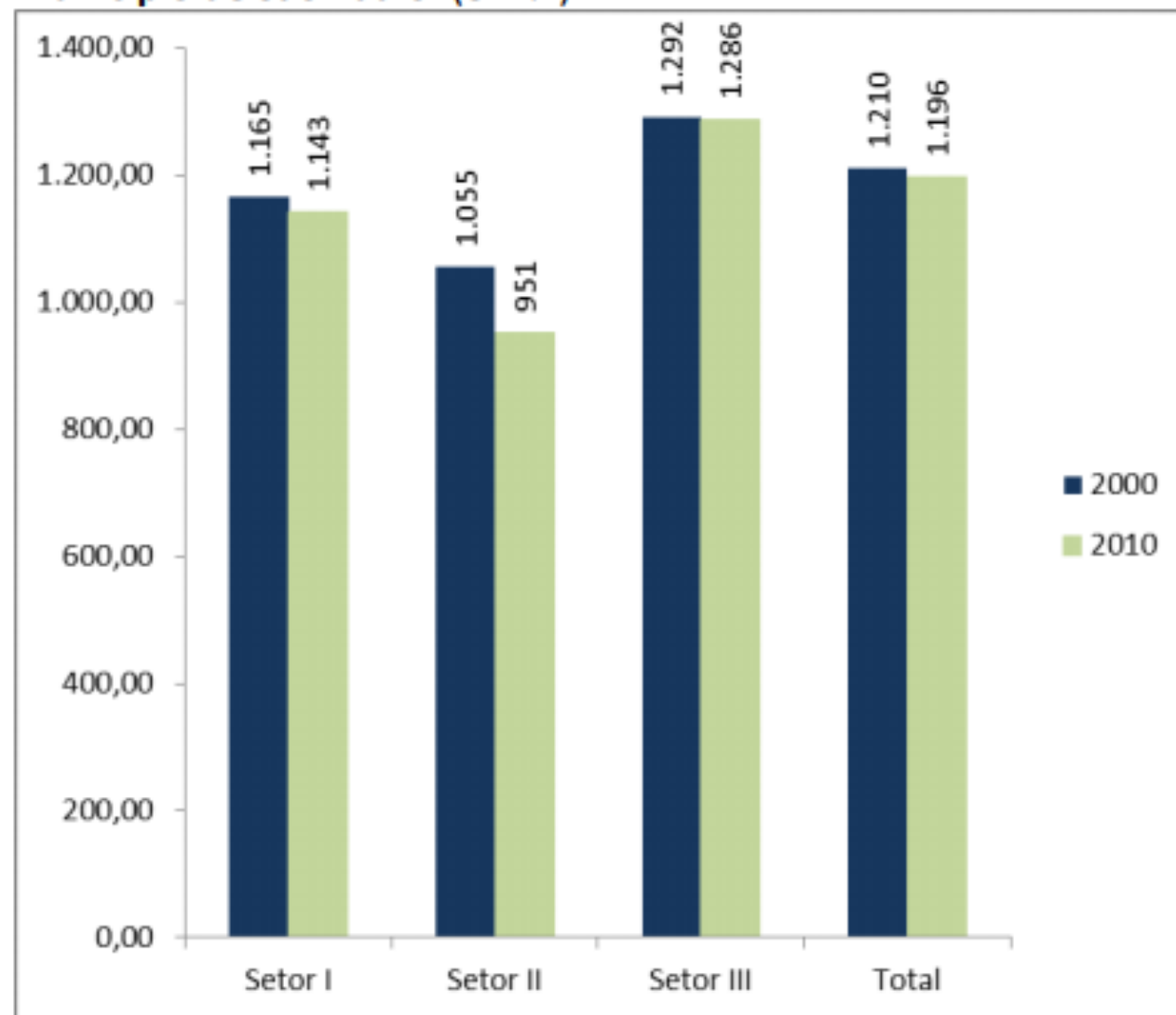
**Distribuição dos jovens ocupados segundo setor de atividade econômica.
Município de São Paulo. (em %)**



MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

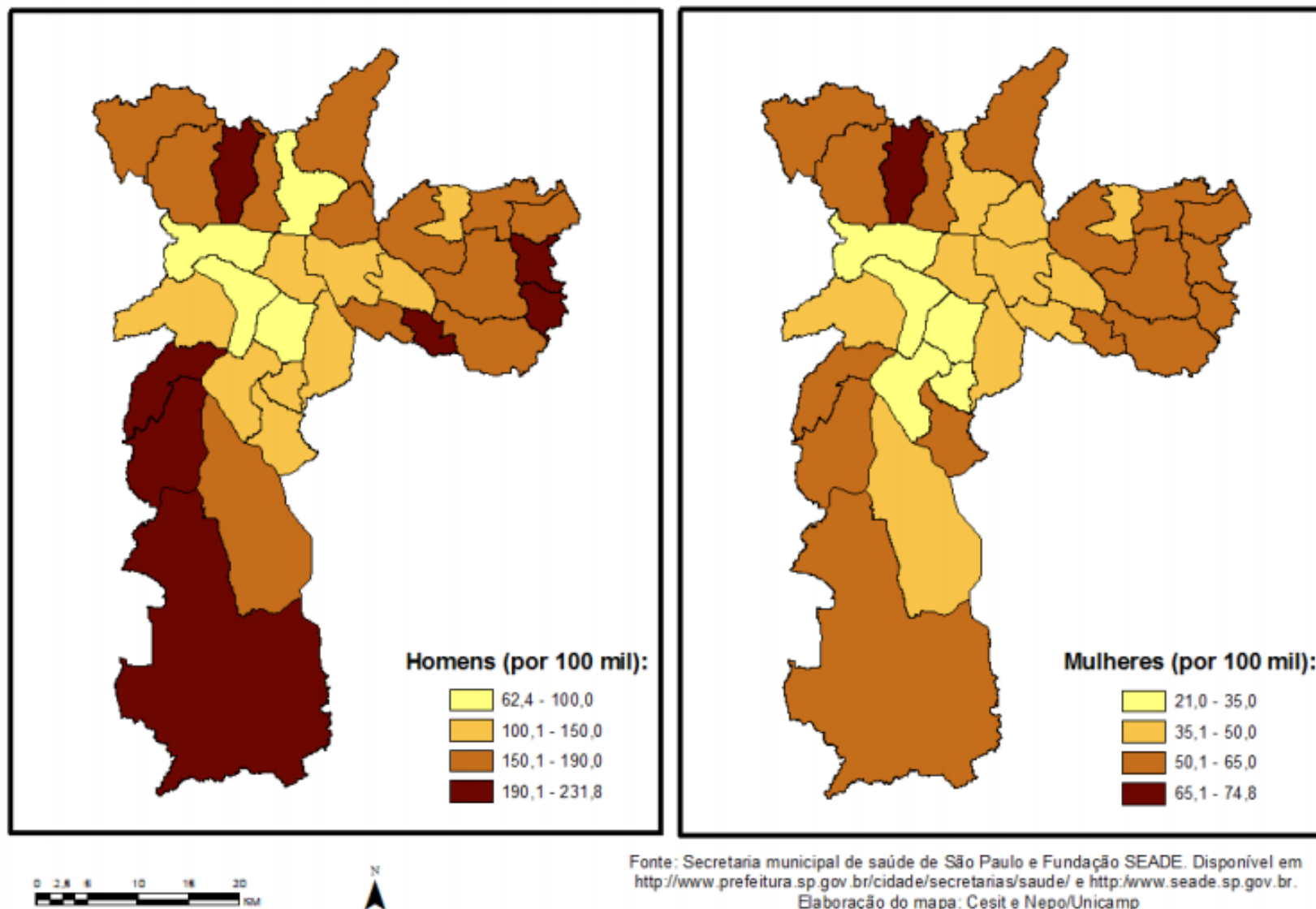
Gráfico 4.8

**Rendimento médio real dos jovens ocupados segundo setor de atividade econômica
Município de São Paulo. (em %)**



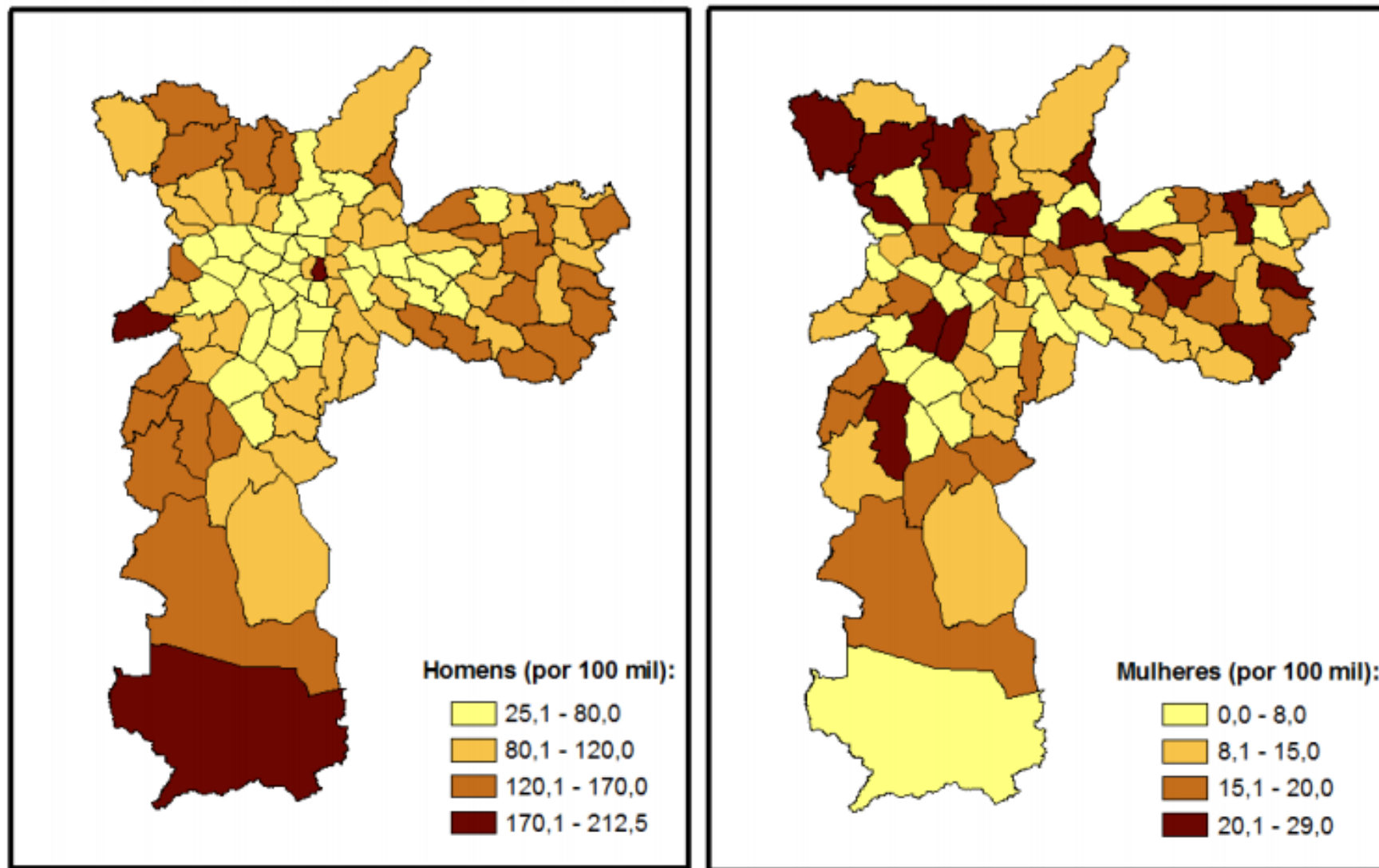
MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

Mapa 5.6: Taxas de mortalidade (por 100 mil) da população de 15 a 29 anos por sexo.
Subprefeituras do Município de São Paulo, 2010.



MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

Mapa 6.1: Taxas de mortalidade por causas externas (por 100 mil) na população de 15 a 29 anos por sexo (por 100 mil).
Distritos do Município de São Paulo, 2013.



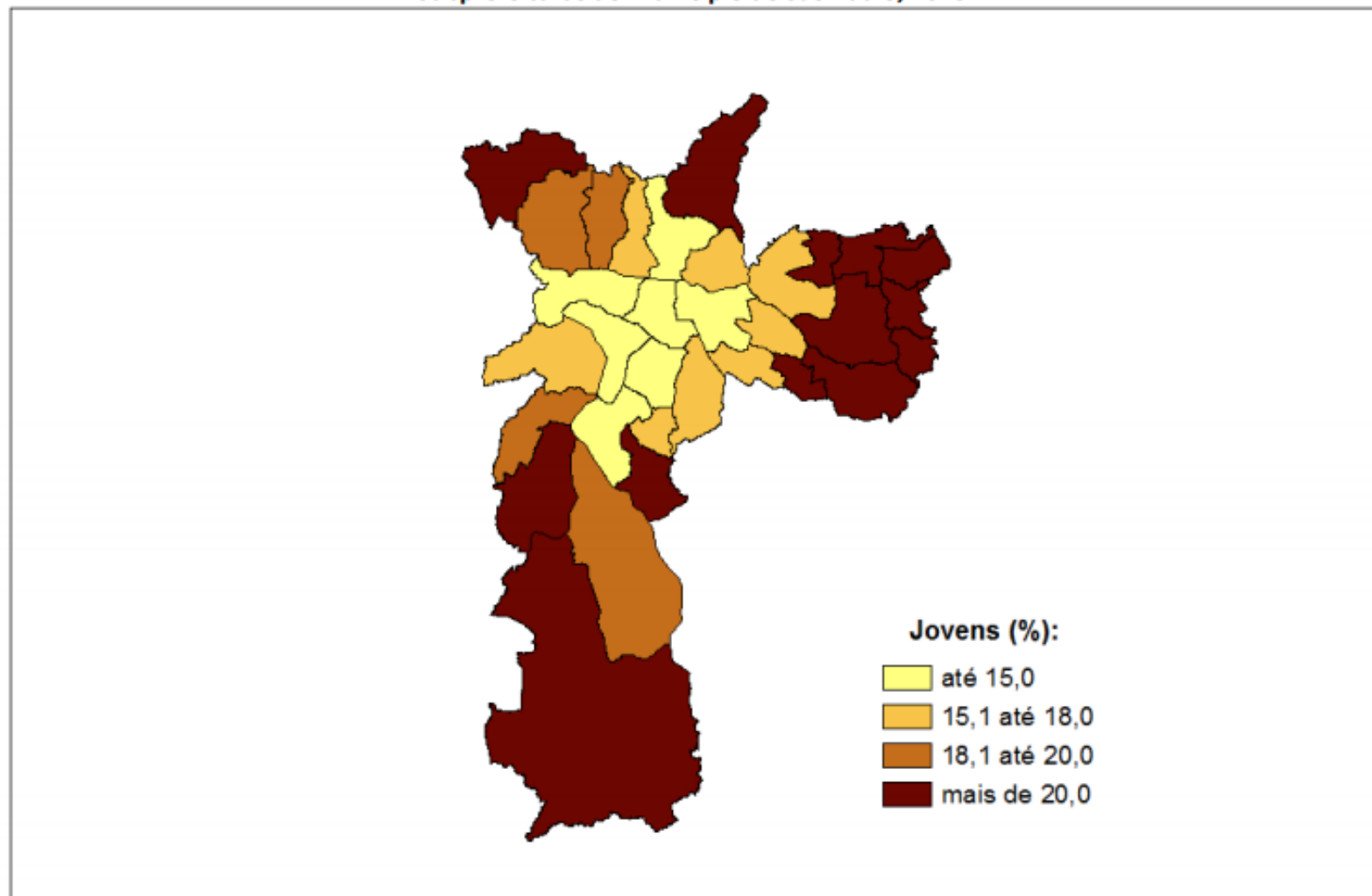
0 2,5 5 10 15 20
KM



Fonte: Secretaria municipal de saúde de São Paulo e Fundação SEADE. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/> e <http://www.seade.sp.gov.br>.
Elaboração do mapa: Cesit e Nepo/Unicamp

MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

**Mapa 7.6: População de 15 a 29 anos que não estuda nem trabalha.
Subprefeituras do Município de São Paulo, 2010.**



0 2,5 5 10 15 20
KM

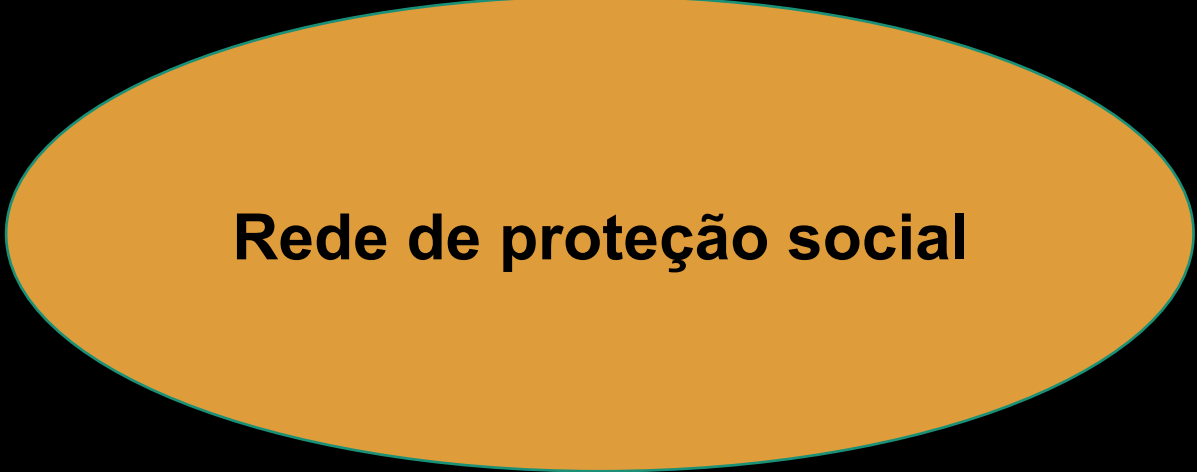


Nota: O universo de pessoas é composto pelo total da população de 15 a 29 anos (inclui as economicamente ativas e as não economicamente ativas).

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010. Elaboração do mapa: Cesit e Nepo/Unicamp

MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

Escola e seu entorno: a produção do medo e a produção de laços



Rede de proteção social

- Equipamentos públicos
 - Movimentos sociais
- Lideranças comunitárias
- Pessoas e espaços estratégicos

Observatório da violência - Apeoesp



14/07/2017 - Estudante de 16 anos é apreendido após atacar diretor de escola com punhal em Cruzeiro do Sul

Anny Barbosa, G1 - Cruzeiro do Sul - G1 - 13.07



28/06/2017 - Aluno ataca professora em sala de aula

ABC Repórter - 28.06



26/06/2017 - Lixeira de escola estadual é incendiada em Presidente Prudente

Por G1 Presidente Prudente - 22.06



26/06/2017 - Obra parada de escola vira ponto de viciados na zona sul

Agora São Paulo - 23.06



20/06/2017 - SP: Escolas públicas têm 10 casos de violência por dia

Jornal da Band - 12.06 - Produção: Tony Chastinet - Reportagem: Michelle Trombelli

Pesquisa violência nas escolas. Apeoesp, 2013

O que é violência nas escolas?

Quando solicitados a conceituar o que seria a violência nas escolas, os professores manifestaram opiniões diversas, que vão retratadas na ilustração seguinte.

É importante notar que as respostas não se referem apenas a agressões, sejam verbais ou físicas, mas envolvem um conjunto de atitudes e comportamentos que produzem constrangimentos e/ou prejudicam o andamento da aula que está sendo ministrada. Parte das questões não se referem apenas a fatos que ocorrem no momento da aula, mas denunciam, como violência, falta de políticas públicas, desvalorização do professor e deficiências oriundas de falhas na própria família do estudante.

Como já vimos, os professores, hoje, sentem-se desvalorizados não apenas pelo Poder Público, pelos baixos salários, carreira deficiente, más condições de trabalho e outros fatores, mas também pelos seus próprios alunos e pela sociedade. Eles se sentem desrespeitados e consideram a indisciplina dos estudantes também uma forma de violência, que acaba prejudicando a relação entre ambos. As repercussões dessas diversas formas de violência no processo ensino-aprendizagem é praticamente inevitável, prejudicando os próprios estudantes e também o professor, que termina por sentir-se incompetente e impotente diante da situação. Cria-se, desta forma, um círculo vicioso, no qual a violência, em suas mais diversas formas, gera um ambiente de frustração entre estudantes e professores, que pode gerar ainda mais violência.

Desvalorização do professor

Agressão verbal

Ameaças

Indisciplina

Conflito entre alunos

Falta de educação/respeito

Violência física

Relação ruim aluno e professor

Vandalismo

No Estado de São Paulo, as políticas implementadas ao longo dos últimos anos agravou a sensação de desprestígio dos professores e contribuiu para a indisciplina e o desrespeito dos estudantes nas salas de aula. A chamada "aprovação automática" de estudantes, no nosso entendimento, reduz a autoridade do professor e, assim contribui para o aumento da indisciplina e da violência. Por outro lado, quando as autoridades educacionais do Estado jogam a culpa pelos problemas da educação sobre os professores e instituem uma série de provinhas para "avaliar" nossa capacidade profissional, também contribuem diretamente para aumentar a indisciplina e o desrespeito dos estudantes para com o professor. Como esperar que os estudantes respeitem seus professores se parte deles são nomeados como "reprovados" em provinhas que, na nossa opinião, não avaliam nossa experiência e nossa capacidade e servem apenas para punir e excluir?

Recentemente, na greve que realizamos entre 19 de abril e 10 de maio, este foi um dos pontos da nossa pauta de reivindicações. O resultado é que não haverá mais provas para os professores da chamada categoria "F" (estáveis) e, quanto à categoria "O", a prova será classificatória, não havendo mais "aprovados" e "reprovados". Além disso, haverá concurso público para 59.600 vagas de Professor de Educação Básica II, permitindo a mais de 40 mil professores da categoria "O", além dos professores da categoria "F", a chance de se efetivarem na carreira. Vamos continuar insistindo na luta pelo fim da prova para os professores da categoria "O", pois a Emenda Constitucional nº 19 determina a existência de processo seletivo para a contratação de professores temporários, não necessariamente uma prova.

Desinteresse

Violência

Problemas sociais

Discriminação

Drogas e Álcool

Crimes e delitos

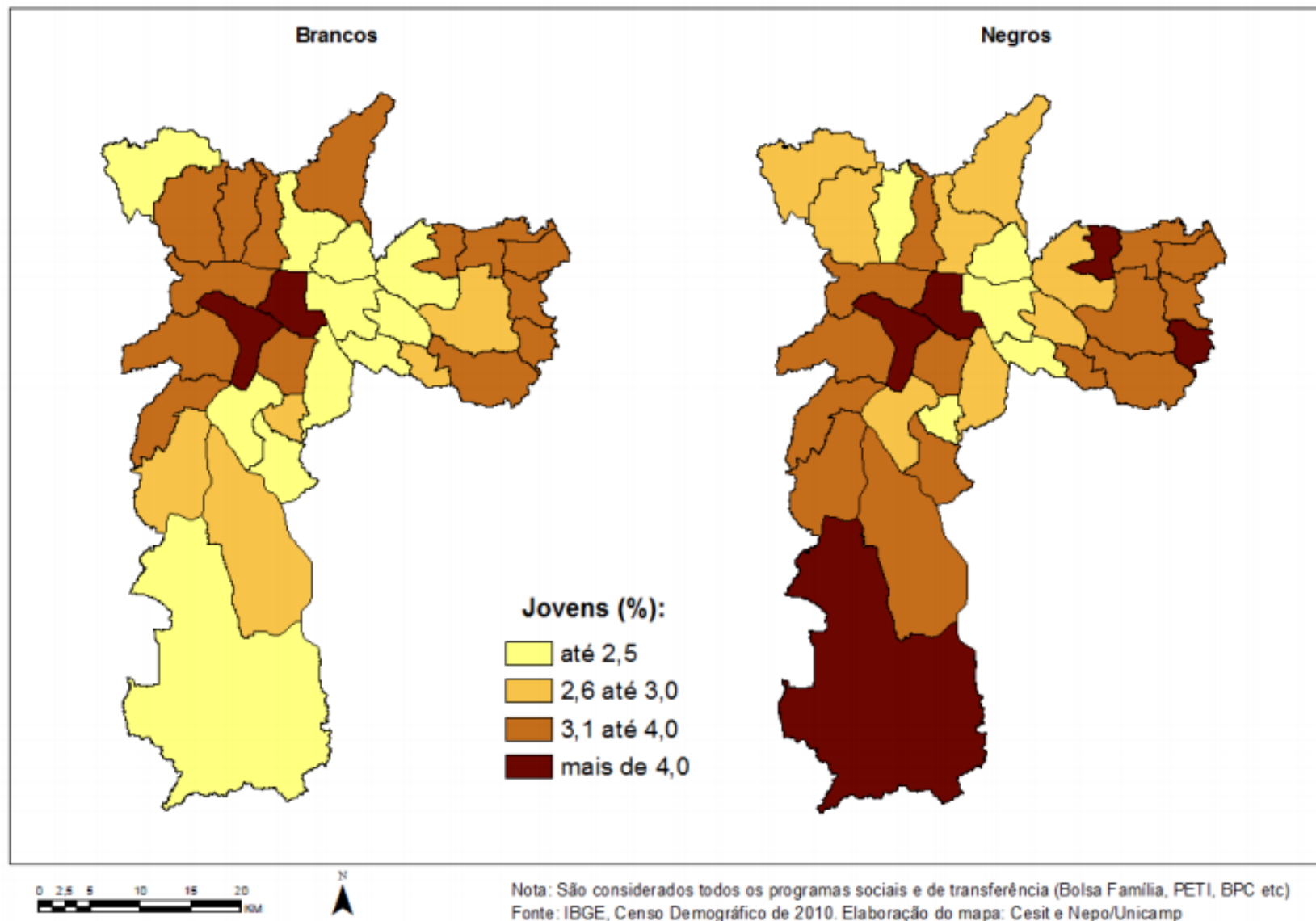
Políticas públicas

Postura da direção

Violência fora da escola

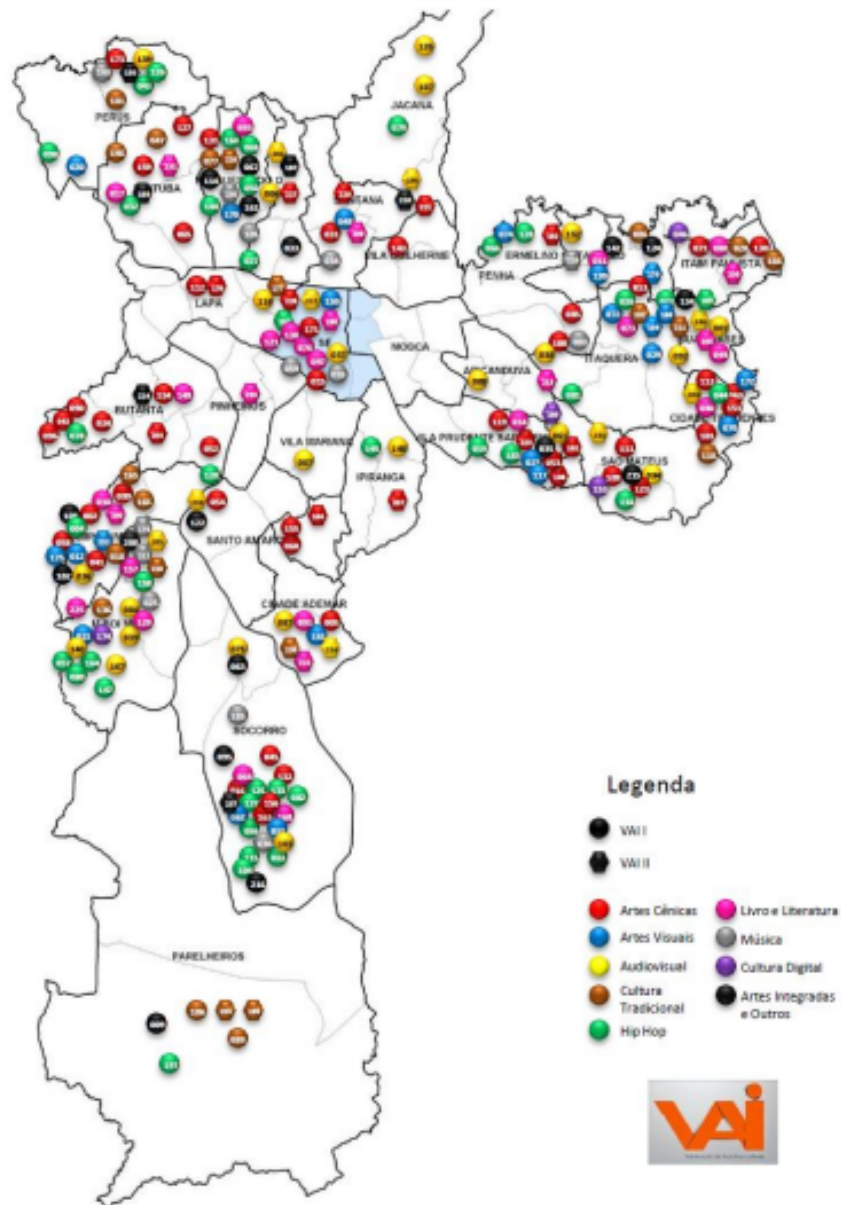
Problemas familiares

Mapa 7.7: População pobre de 15 a 29 anos beneficiária de programas sociais, por raça/cor.
Subprefeituras do Município de São Paulo, 2010.



MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

Distribuição de Projetos por Local de Realização (VAI I e II)



MAPA DA JUVENTUDE DA
CIDADE DE SÃO PAULO.
UNICAMP, 2014

Vida diária escolar – solidão e experiências democráticas fragilizadas

Ações das escolas contra a violência

Não existe, hoje, no Estado de São Paulo, uma política eficaz de prevenção e combate à violência nas escolas.

O chamado Sistema de Proteção Escolar não funciona, de fato, como um sistema. Ele se constitui de medidas pontuais, nem sempre conexas entre si e não produz resultados eficazes do ponto de vista do controle e redução da violência nas escolas em todo o Estado de São Paulo. Obviamente, como veremos, medidas pontuais também produzem resultados localizados e é importante valorizá-los e, conforme o caso, generalizá-los. Voltaremos a este ponto.

Na atualidade, não existem procedimentos padronizados nas escolas, nem um programa que promova ações em toda a rede, ficando as escolas com a iniciativa de promover ou não ações de esclarecimento, prevenção e combate à violência escolar.

Veja na tabela abaixo a percepção que os professores têm dessas ações. Note-se que, frente ao agravamento da situação, apenas 40% das escolas realizam algum trabalho em relação ao problema. Registre-se, porém, que houve alguma melhoria em relação à situação detectada pela pesquisa DIEESE/APEOESP em 2006, quando 60% das escolas não realizavam nenhuma ação neste sentido.

4 em cada 10 escolas não possuem projetos contra a violência

% Escola faz ou fez algum tipo de trabalho ou campanha contra a violência escolar



Na pesquisa de 2006, 60% das escolas não tinham projetos de combate à violência

Quando detalhamos por região, verificamos que a região de Bauru/Marília (72%) é a que mais tem escolas que desenvolvem trabalhos contra a violência nas escolas, sendo que Grande São Paulo/Capital (50%) é a região que menos desenvolve este tipo de trabalho.

Escolas da Capital/Gde. São Paulo são as que menos estão desenvolvendo trabalhos contra a violência

Escola faz ou fez algum tipo de trabalho ou campanha contra a violência escolar

	Grande São Paulo Capital	Bauru Marília	Campinas Piracicaba Sorocaba	Ribeirão Preto	São José dos Campos Vale do Paraíba	Ribeirão Preto Araraquara	S. José do Rio Preto Araçatuba P. Prudente
Sim, faz atualmente	50%	72%	66%	52%	66%	65%	70%
Sim, já fez mas não faz mais	31%	17%	18%	28%	22%	16%	20%
Não, nunca fez	19%	11%	16%	19%	12%	20%	10%

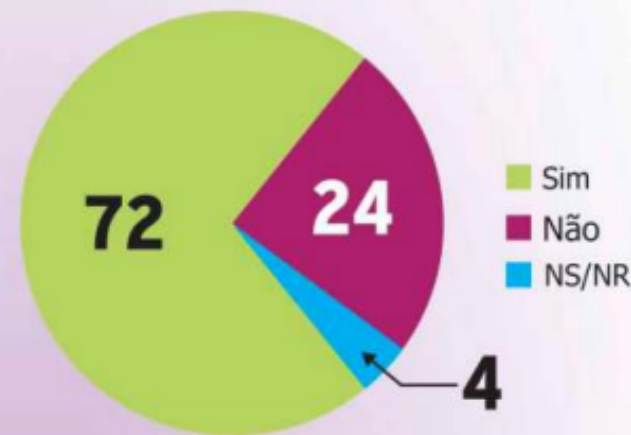
Ao detalharmos os trabalhos realizados (vide próxima tabela) vemos que palestras e debates (66%) são a forma mais utilizada, seguidas de dinâmicas em salas de aula (65%). Note-se que, em ambos os casos, cresceram as iniciativas em relação ao passado.

Palestras e debates são as atividades mais realizadas nas escolas que fazem ou já fizeram campanhas contra a violência



1/4 dos conselhos de escolas não se reúnem regularmente com representantes da comunidade

% Conselho de Escola se reúne regularmente com a comunidade



Pesquisa violência nas escolas.
Apeoesp, 2013

- Se entendemos a violência como toda ação que reduz o sujeito humano à condição de coisa, as ações mais radicais são como estas que realizamos hoje: o restabelecimento dos espaços públicos e tempos coletivos de debate a respeito do que nos coisifica para, então, experimentando a retomada de nosso lugar de sujeitos, recuperarmos a potência de diálogo e negociação da vida conjunta em nossos territórios de atuação.